

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
BAIANO - CAMPUS SENHOR DO BONFIM
COLEGIADO DA LICENCIATURA EM CIÊNCIAS AGRÁRIAS**

Cleiton Henrique da Silva Almeida

**MOVIMENTOS DE IDENTIDADE RURAL NO PROCESSO
FORMATIVO DOS ESTUDANTES DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA
DE ANTÔNIO GONÇALVES (EFAG)**

**Senhor do Bonfim – BA
Junho, 2025**

Cleiton Henrique da Silva Almeida

**MOVIMENTOS DE IDENTIDADE RURAL NO PROCESSO
FORMATIVO DOS ESTUDANTES DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA
DE ANTÔNIO GONÇALVES (EFAG)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado
da Licenciatura em Ciências Agrárias do IF Baiano,
Campus Senhor do Bonfim, como requisito final de
conclusão de curso.

Orientador: Prof. Esp. Alaécio Santos Ribeiro

**Senhor do Bonfim – BA
Junho, 2025**

Cleiton Henrique da Silva Almeida

**MOVIMENTOS DE IDENTIDADE RURAL NO PROCESSO
FORMATIVO DOS ESTUDANTES DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA
DE ANTÔNIO GONÇALVES (EFAG)**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Licenciado em Ciências Agrárias” e aprovado em sua forma final pela Banca Examinadora conforme segue abaixo.

Senhor do Bonfim, 12 de junho de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Alaécio Santos Ribeiro
IF BAIANO – *Campus* Senhor do Bonfim

Profa. Ma. Rosângela Caires Viana
IF BAIANO – *Campus* Senhor do Bonfim

Prof. Dr. Guilherme José Mota Silva
IF BAIANO – *Campus* Senhor do Bonfim

Aos homens e mulheres da roça, que constroem, com suas raízes e histórias, uma identidade rural rica, viva e profundamente poética.

AGRADECIMENTOS

À espiritualidade, por toda condução e proteção durante minha trajetória pessoal e acadêmica.

À minha família, pelo suporte e incentivo durante meu processo formativo.

Ao meu avô Vavá, homem rural, baiano e nordestino, sem estudos formais, que por muitos anos enfrentou as safras de cana-de-açúcar no estado de São Paulo para contribuir com o sustento da família — sem nunca esquecer suas raízes e seus valores. Ao fim de cada safra, retornava à sua roça, onde trabalha e faz morada até hoje.

À minha avó Clarice, mulher rural e mãe de seis filhos, que, mesmo na ausência de meu avô em suas idas ao estado de São Paulo, permaneceu na roça, semeando cuidado e valores aos filhos e à terra.

Aos sujeitos da Escola Família Agrícola de Antônio Gonçalves (EFAG), pela participação e colaboração na pesquisa.

Ao professor Alaécio Santos Ribeiro, pela dedicada orientação e pelas vivências compartilhadas durante a realização deste trabalho.

Aos colegas do curso e a todas as pessoas que depositaram em mim suas boas expectativas quanto à realização deste trabalho.

À professora Lilian Pereira da Silva Teixeira, pela indicação das primeiras referências bibliográficas sobre identidade rural, fundamentais para o desenvolvimento das minhas pesquisas ainda no início do curso.

Aos professores do curso, pela dedicação, compromisso e pelas contribuições teóricas e humanas que foram essenciais ao longo da minha formação.

“Levo o sertão dentro de mim, e o mundo no qual vivo é também sertão.”

(Inspirado em João Guimarães Rosa)

MOVIMENTOS DE IDENTIDADE RURAL NO PROCESSO FORMATIVO DOS ESTUDANTES DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE ANTÔNIO GONÇALVES (EFAG).

Cleiton Henrique da Silva Almeida

Alaécio Santos Ribeiro

RESUMO

Esta pesquisa investigou como os movimentos de identidade rural são desenvolvidos no processo formativo dos estudantes da Escola Família Agrícola de Antônio Gonçalves (EFAG), localizada no semiárido baiano. A investigação parte da compreensão de que a identidade rural é construída a partir das experiências de vida no campo, dos saberes tradicionais e da relação dos sujeitos com o território. Com abordagem qualitativa e natureza exploratória, foram utilizados questionários aplicados a estudantes e professores, buscando compreender de que forma os instrumentos pedagógicos e a prática docente contribuem para a constituição dessas identidades. A análise foi realizada por meio da técnica de análise de conteúdo, que possibilitou a identificação de categorias temáticas emergentes nas falas dos participantes. Os resultados indicam que a EFAG desenvolve práticas educativas alinhadas aos princípios da educação contextualizada e da convivência com o semiárido, promovendo o reconhecimento dos saberes locais, a valorização da cultura camponesa e o fortalecimento da identidade rural dos estudantes. Além disso, evidencia-se a importância da atuação docente no estímulo à permanência dos jovens no campo, não apenas como espaço de moradia, mas também como território de pertencimento e resistência. Conclui-se que a proposta pedagógica da EFAG contribui significativamente para a formação crítica e contextualizada dos estudantes, promovendo o protagonismo juvenil e o enraizamento social no meio rural.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade rural. Educação contextualizada. Semiárido. Prática docente. EFA.

ABSTRACT

This research investigated how rural identity movements are developed in the educational process of students at the Escola Família Agrícola de Antônio Gonçalves (EFAG), located in the semi-arid region of Bahia, Brazil. The study is based on the understanding that rural identity is socially constructed through lived experiences in the countryside, traditional knowledge, and the relationship between subjects and their territory. Using a qualitative and exploratory approach, questionnaires were applied to students and teachers to understand how pedagogical instruments and teaching practices contribute to the construction of these identities. The data were analyzed through content analysis, which enabled the identification of thematic categories emerging from participants' responses. The results indicate that EFAG promotes educational practices aligned with the principles of Rural Education and coexistence with the semi-arid region, fostering the recognition of local knowledge, the appreciation of peasant culture, and the strengthening of students' rural identity. Moreover, the role of educators is highlighted in encouraging young people to remain in rural areas, not only as a place of residence but also as a space of belonging and resistance. It is concluded that EFAG's pedagogical approach contributes significantly to students' critical and contextualized formation, promoting youth protagonism and social rootedness in rural territories.

KEYWORDS: Rural identity. Contextualized education. Semi-arid region. Teaching practice. EFA.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 8 |
| 2 DESENVOLVIMENTO (ESTADO DA ARTE E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA) . | 12 |
| 2.1 Identidade rural e sua construção na Região Nordeste | 15 |
| 2.2 O fenômeno climático da seca | 17 |
| 2.3 As práticas pedagógicas frente aos saberes da roça | 18 |
| 3 METODOLOGIA | 19 |
| 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES | 22 |
| 4.1 EFAG: pés e identidades presentes | 23 |
| 4.2 Saberes e conhecimentos tradicionais da roça | 25 |
| 4.3 Expressões identitárias no espaço escolar | 28 |
| 4.4 Seca, convivência e permanência no semiárido | 30 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 32 |
| REFERÊNCIAS | 34 |
| APÊNDICE A – Questionário aplicado aos estudantes da EFAG | 36 |
| APÊNDICE B – Questionário aplicado aos professores da EFAG | 37 |

1. INTRODUÇÃO

O processo educativo dos cidadãos, sem dúvidas, é marcado por idas e vindas que moldam a construção do ser, com isso, podemos dizer que somos constantemente sujeitos participantes de movimentos perenes que implicam na construção e modificação de nossas identidades. Estes movimentos são compostos pelo contato com outros indivíduos, com outras culturas, outros saberes, outras formas de ver o mundo, ou seja, diversos fatores sociais, culturais e econômicos. “A construção da identidade é tanto simbólica quanto social” (Silva, 2013, p. 10), e isto reflete o quão complexo é discutir sobre o impacto da educação na construção de uma identidade, seja ela particular ou plural. A marcação simbólica, como aponta Silva (2013), pode ser representada por um meio que dá sentido as práticas e relações sociais, influenciando quem excluir e quem incluir, e é por isso que no âmbito social, criam-se tabus que podem ser atribuídos, por exemplo, a grupos sociais, que podem ser materialmente e socialmente excluídos. Tratar de identidade no ambiente escolar é imergir num universo de características, histórias e inúmeras particularidades que tornam cada ser uma peça única nos ambientes formais de educação, tornando a discussão em torno da alteridade um processo minucioso e sem fim, podendo ser facilmente assemelhado a infinidade e incompletude que é o conhecimento.

Para investigar a identidade rural partindo do processo formativo, o *locus* escolhido foi a Escola Família Agrícola de Antônio Gonçalves (EFAG), situada na zona rural do município de Antônio Gonçalves, semiárido baiano, localizado a 403 km da capital Salvador. A escola foi fundada em 2004, com o objetivo de atender as demandas locais do município e da região, sobretudo com o intuito de possibilitar uma educação contextualizada à realidade campesina, afim de contribuir para o desenvolvimento e permanência dos jovens no e do campo (REFAISA, s.d.). Como afirma Souza (2012, p. 17-18), o caminho da roça perpassa por olhares sobre os sujeitos e aos modos como o trabalho pedagógico ocorre cotidianamente nas escolas rurais, a partir disso, constroem-se marcas de subordinação ou resistência, frutos, por exemplo, de políticas públicas e educacionais destinadas as escolas do meio rural, espaço permeado pelas singularidades identitárias de sujeitos que dão vida e sentidos às produções culturais próprias e diversas.

Figura 1: Localização do município de Antônio Gonçalves-BA.



Fonte: Google Imagens.

Nesta inquietude sobre esses movimentos frente aos espaços formais de educação, surge a necessidade de mergulhar no universo de formação das pessoas do campo, que carregam dentro de sua história uma identidade rural, a qual até os dias de hoje compõe grupos de pessoas com características em comum, que refletem, sobretudo, um atrito no cotidiano escolar, expressando um processo formativo marcado por divergências e convergências. As divergências podem ser exemplificadas pela natureza de ser diferente, de possuir outra cultura, outros saberes, enquanto as convergências se caracterizam pelos aspectos mais abstratos e comuns, como a crença em algo ou o desejo de aprender sobre algo. Tais aspectos são importantes representações dos diversos movimentos que compõem o espaço escolar, e “é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos.” (Silva, 2013, p. 18). Neste contexto, apontamos como os alunos do campo, enquanto sujeitos pertencentes ao contexto rural, são exemplos de um grupo historicamente marginalizado nos espaços escolares, tendo sua constituição identitária muitas vezes ignorada e/ou atravessada por movimentos que divergem de seus saberes, cultura e demais características que os compõem, e que logo não produzem significados positivos sobre suas experiências e representações, as quais adentram num processo de silenciamento. Entretanto, os alunos da roça - que por muitas vezes recebem esse termo de forma preconceituosa, e não como forma de atribui-los uma referência geográfica/rural - são sujeitos que esboçam conhecimento mesmo em silêncio, pois estabelecem um sentido as situações de divergências mesmo quando se calam diante delas. Sobre esta construção de vozes do sujeito da roça e seu sentido de alteridade podemos afirmar que

Nesse movimento de falar e o silenciar, a identidade de um sujeito que não é mais una, indivisível e singular; torna-se híbrida, fluída, produzida discursivamente a partir

de um posicionamento histórico e social do sujeito frente aos diversos papéis sociais por ele exercidos (Rios, 2011, p. 13).

O posicionamento dos alunos da roça, nos espaços formais de educação, é marcado por idas e vindas, marcado pela incerteza de poder ou não expressar sua identidade rural no âmbito escolar, sobretudo em razão dos estereótipos construídos historicamente a seu respeito, onde a diversidade linguística, o saber da terra e dos animais, das plantações e até mesmo o trajeto até a escola constituem um estigma de atraso, fazendo estes, sentirem-se inferiores, ignorantes e marginalizados, sendo essa semiótica construída de forma negativa e atrelada a um processo histórico construído também pela instituição escolar (Rios, 2011).

A escola, sendo considerada um pilar no processo formativo desses cidadãos da roça, passa a ser um espaço também de conflitos identitários, pois suas referências de identidade são provenientes do meio urbano, que surgem dicotomicamente num processo pretencioso de impor o perfil urbano como melhor, mais completo, e digno de uma autonomia sobre o meio rural. Esta dicotomia é alimentada pela marcação da diferença, que segundo Silva (2013, p. 40), “ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social.” Portanto, a identidade é uma construção dialética a partir das diferenças. O cotidiano escolar é repleto de contato com as diferenças, sendo um espaço de grande potencial de aprendizado e podendo refletir isto positivamente na constituição identitária dos alunos da roça, por isso, considera-se que os “os jovens da roça que chegam à escola são o resultado de um processo educativo amplo que ocorre no cotidiano das relações sociais” (Rios, 2011, p. 17), podendo esse espaço seguir contribuindo de forma positiva no fortalecimento da identidade rural desses estudantes.

Partindo dessa premissa, faz-se necessário investigar como os aspectos da identidade rural são vistos pelos estudantes e professores que vivenciam este processo de movimento identitário, sobretudo no campo, visto que, as pessoas do campo, principalmente que moram na roça, tecem práticas discursivas através da oralidade, memória e subjetividade, fatores esses que são constantemente influenciados pelo cotidiano da escola, partindo do ponto em que problematizamos a dizibilidade destes sujeitos no âmbito escolar (Rios, 2011, p. 32). São diferentes facetas que surgem neste caminho de indagações, essas que envolvem a linguagem, a cultura, os saberes... e toda história que permeia os movimentos que constroem/reconstroem/fortalecem a formação desses cidadãos, que devem enxergar sua identidade e a do outro com criticidade, não para alimentar a dicotomia (meio urbano *versus* meio rural), mas para sentir-se fortalecido e digno de posicionar-se frente aos conhecimentos que surgirem durante sua formação.

Discutir movimentos identitários dentro do processo de formação, sobretudo escolar, exige sensibilidade, para que os elementos que constituem este aspecto sejam minuciosamente compreendidos. Elencar pontos de partida para isto é consequentemente uma tarefa de extrema responsabilidade. Devemos considerar os aspectos subjetivos dos alunos da roça, os quais denotam de um processo histórico de apagamento de uma identidade que fora atrelada a inúmeros estigmas e estereótipos, frutos de processos históricos que marginalizaram o meio rural, em busca de um perfil para seu povo, o qual, mesmo sendo consideravelmente de origem rural, tinha que se adequar a parâmetros socioculturais distintos, os quais desrespeitavam sua alteridade, saberes e formas de viver.

Como afirma Silva (2013, p. 67), “a identidade tem se destacado como uma questão central nas discussões contemporâneas”, por isto, o espaço escolar, assim como outros espaços de educação, devem buscar meios para fortalecer a identidade rural, considerando que é neste espaço, que ocorre historicamente uma negação identitária dos sujeitos da roça. Abranger o espaço escolar para a discussão de formação cidadã, nesta perspectiva, é sobretudo problematizar como o modelo educacional vigente influencia nas expectativas de permanência dos jovens no meio rural, enxergando este espaço como um lugar capaz de proporcionar subsistência, renda, e, principalmente, como um espaço de produção e valorização dos saberes. Além disso, existe a necessidade de preservar o espaço rural como fonte de cultura, seja ela passível ou não de mudanças, que podem ocorrer naturalmente, principalmente por sabermos que muito do que “bebemos” culturalmente vem do rural, como o manejo com os animais, as técnicas de plantio, ou seja, de toda a “ciência da roça”, que se faz presente muito mais além do que os limites geográficos determinam.

As reflexões sobre as manifestações de identidade rural durante um processo formativo discente, nos espaços escolares, tornam-se importantes para que haja uma construção de práticas profissionais que contemplam as realidades dos sujeitos da roça, permitindo que haja na intervenção docente uma sensibilidade acerca dos saberes e dizeres destes sujeitos, os quais tendem a adentrar o espaço escolar com inúmeras incertezas, que interferem diretamente no seu processo de aprendizagem, e paralelo a isso, tornam a atuação docente calcada em práticas engessadas, construídas historicamente por uma racionalidade burguesa, capitalista e elitista, consequência de uma falta de diálogo e conhecimento sobre quais metodologias e ferramentas utilizar no processo de ensino-aprendizagem do campo, na perspectiva da valorização da convivência com o semiárido.

Portanto, este trabalho buscou investigar como os movimentos de identidade rural são aprofundados dentro do processo formativo dos estudantes da Escola Família Agrícola de

Antônio Gonçalves, afim de identificar como as práticas pedagógicas empregadas no contexto da escola contribuem para a valorização da identidade rural dos estudantes, e consequentemente em suas percepções de permanência no campo, tomando como base também a percepção dos sujeitos frente ao fenômeno da seca e da convivência com a mesma. Como base teórica, os principais autores utilizados foram Silva (2013), que discute o conceito de identidade e diferença, Albuquerque Júnior (2011), que discute a construção do Nordeste enquanto região marcada por estigmas e esteriótipos frutos da literatura regionalista e de interesses políticos que historicamente privilegiam as atuais regiões Sudeste e Sul, Rios (2011), que problematiza os movimentos de identidade rural no espaço escolar, e Vasconcelos (2012), que discute a marginalização da identidade interiorana e sertaneja do estado da Bahia frente a concepção de identidade baiana que éposta somente a partir do recorte espacial que envolve a capital Salvador, sua região metropolitana e a região do recôncavo.

2. DESENVOLVIMENTO (ESTADO DA ARTE E FUNDAMENTAÇÃO TÉORICA)

Para investigarmos como a temática da identidade rural, no contexto do semiárido brasileiro e suas perspectivas de convivência foram abordadas, utilizou-se o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, afim de analisar como as pesquisas científicas dos últimos dez anos (2015 a 2025) discutem essa temática, por considerarmos que se trata de uma discussão recente no âmbito acadêmico. Os descritores utilizados na pesquisa foram “identidade rural” e “convivência com o semiárido brasileiro”, os quais resultaram em 16 (dezesseis) trabalhos sobre identidade rural e 12 (doze) trabalhos sobre convivência com o semiárido brasileiro, no recorte temporal mencionado. Após essa filtragem, foi realizada uma seleção manual, com o objetivo de identificar quais trabalhos dialogavam com a perspectiva da identidade rural dentro do contexto da convivência com o semiárido. Nessa etapa, foram analisados os títulos e resumos, a fim de verificar quais produções apresentavam elementos relevantes para esta pesquisa. A seguir, apresentam-se os trabalhos selecionados para análise final.

Quadro 1: Descritores utilizados na pesquisa.

| Descritores | Número | Título das Dissertações | Autor(a) | Ano de publicação |
|-------------|--------|---|---------------------------------|-------------------|
| | 1 | A peleja da resistência contra o preconceito: entre o campo e a cidade, uma proposta de | Manoel da Lapa Fonseca da Silva | 2020 |

| | | | | |
|---|---|---|-------------------------------------|------|
| Identidade Rural; | | compreensão leitora a partir do cordel. | | |
| | 2 | Ser do semiárido baiano: construções identitárias entre jovens rurais estudantes da Escola Família Agrícola de Jaboticaba – EFAJ, em Quixabeira – Bahia. | Vanessa Ionara dos Santos Rodrigues | 2020 |
| | 3 | Memórias pedagógicas da educação do campo: Saberes campesinos que emergem das relações entre a escola e a narrativa de si na formação dos/as estudantes e das professoras. | Antonio Severino da Silva | 2022 |
| Convivência com o semiárido brasileiro. | 4 | Educação contextualizada e convivência com o semiárido brasileiro: perspectivas para o Ensino de Ciências. | Gustavo de Alencar Figueiredo | 2017 |
| | 5 | Descolonização do currículo nas experiências de educação contextualizada para a convivência com o semiárido brasileiro: um olhar sobre as escolas do campo no território Sertão do São Francisco. | Ana Paula Santos Granja Ribeiro | 2017 |
| | 6 | Educação do campo para a convivência com o semiárido nas escolas multisseriadas de anos iniciais no município de Sento-Sé/Ba: espaços e tempos de aprendizagem Juazeiro - Bahia 2019. | Solange Leite de Farias Braga | 2019 |

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Em busca do aprimoramento da leitura e valorização identitária de alunos da zona rural, o trabalho de número 1 optou pelo uso do cordel como proposta de intervenção que viesse a atender as finalidades da pesquisa. Segundo Silva (2020), a escolha do cordel enquanto gênero literário se deu por sua aproximação a realidade dos sujeitos participantes, pois o texto de cordel apresenta uma linguagem popular e tende a valorizar os saberes nordestinos e de origem rural em sua construção, permitindo que os alunos enxergassem o espaço rural sem os estereótipos que a ele são associados e valorizando as identidades que nele se constroem.

Como aponta Rodrigues (2020), trabalho de número 2, em sua pesquisa sobre a influência da educação contextualizada na construção das identidades de jovens rurais, a representatividade possibilitada no espaço escolar contribui para um processo formativo mais exitoso, permitindo que os alunos se sintam mais acolhidos e motivados a expressar e moldar suas identidades. A autora identificou que dentre os aspectos que positivam a experiência de construção identitária desses jovens, estão a valorização dos conhecimentos tradicionais,

disseminação de alternativas tecnológicas sustentáveis que permitam produtividade nas condições climáticas locais, entre outros.

Reforçando a relevância da discussão sobre identidade no contexto rural, Rodrigues (2020) está apoiada na obra de Vasconcelos (2012), que discute o problemático discurso da baianidade, centralizado em Salvador e no Recôncavo. Esta hegemonia identitária reflete a necessidade de reafirmar a existência das identidades rurais, presentes no vasto sertão baiano. Além disso, corroborando com os ideais de Rios (2008), o trabalho de Rodrigues (2020) defende a construção identitária a partir de uma perspectiva diversa, tendo em vista que a identidade dos jovens sujeitos da pesquisa coexiste com múltiplos lugares discursivos, que circundam suas realidades. A pesquisa de Rodrigues (2020) evidencia como a educação, num âmbito contextualizado, é importante no processo de construção da identidade rural, sobretudo pela autonomia e segurança identificada nos sujeitos participantes da pesquisa, que convivem com o semiárido e defendem suas origens. Além disso, a sucessão familiar, no contexto abordado, fez-se uma discussão presente na pesquisa, abordando como a permanência dos jovens no campo apresenta-se como um aspecto importante e necessário a ser discutido no processo escolar.

Em sua pesquisa sobre os saberes do campo, Silva (2022), trabalho de número 3, buscou investigar como estes saberes são inclusos ou não nos documentos norteadores da educação do campo em uma escola campesina de Pernambuco. O trabalho defende a importância da identidade rural ser levada em consideração na constituição dos currículos, sustentando as memórias de saberes, lutas e valores culturais que atravessam gerações. A compreensão do impacto que um currículo contextualizado possui no processo escolar foi uma questão levantada por Figueiredo (2017), trabalho de número 4. Dentro da perspectiva da convivência com o semiárido, o autor buscou analisar a compreensão que os professores têm acerca desta proposta educativa, argumentando como esta perspectiva pode contribuir para expor as verdadeiras potencialidades e saberes do semiárido, tendo como resultado a necessidade de fortalecer a discussão em torno dessa proposta de educação.

A discussão em torno da convivência com o semiárido no espaço escolar deve partir de uma contextualização assegurada por meio do currículo, que para Ribeiro (2017), no trabalho de número 5, deve promover um processo de descolonização da formação de professores e dos currículos escolares. A autora chama atenção para a necessidade de implementação de uma política pública que institucionalize a educação contextualizada, que atenda os contextos campesinos existentes no semiárido. O trabalho critica a imposição do currículo tradicional e urbanocêntrico, que distancia os alunos de sua realidade e não valoriza seus saberes e

pertencimento rural. Assim como Ribeiro (2017), Braga (2019), trabalho de número 6, reforça esta perspectiva, ao refletir como o processo de educação contextualizada para convivência com o semiárido proposto para escolas do campo de um município do semiárido baiano encontra-se ineficaz, não assegurando aos alunos de classes multisseriadas perspectivas de permanência no campo.

Ademais, após analisar como a identidade rural vem sendo discutida no contexto da convivência com o semiárido, ressalta-se a importância de investigar como estes movimentos identitários perpassam no processo formativo dos jovens rurais atravessados por algumas variáveis sociais, culturais e ambientais/rurais, tais como a construção das perspectivas identitárias a partir do recorte regional, a influência das características climáticas do semiárido na ótica da permanência nele, e o posicionamento da prática pedagógica em meio a estes fatores, o que torna esta pesquisa inovadora não só por considerar outras perspectivas para fundamentação de seus objetivos, mas por trazer também outros olhares que contribuem para ampliar os conhecimentos sobre estas discussões. A seguir, discutiremos como estes aspectos se fazem importantes para compreender a presença de tais elementos na constituição da identidade rural diante de um processo formativo escolar.

2.1. Identidade rural e sua construção na Região Nordeste

Para compreender o processo de constituição daquilo que chamamos de identidade rural, que pode ser também associada ao termo ruralidade, partimos da ideia de como as imagens identitárias acerca da identidade rural foram constituídas historicamente, considerando a construção regional do Nordeste, e como esta região é imbricada de estigmas e estereótipos sobre sua constituição identitária. Vasconcelos (2012, p. 31) aponta que “discutir identidade é discutir alteridade, invenção, discurso, poder simbólico, estereótipo...”, por isso, a identidade rural é atravessada por inúmeras questões, as quais precisam fazer parte do cotidiano escolar, visando a valorização identitária dos alunos.

A identidade, em suas particularidades, é construída por redes distintas de pertencimentos constantemente negociáveis e revogáveis, fazendo com que os sujeitos, em contato com outros grupos sociais, estabeleçam vínculos no mundo em que convivem, desde o espaço da escola até o trabalho, e naturalmente produzindo discursos com novas identidades. O pertencimento familiar e do trabalho envolvem a discussão sobre identidade, visto que, esses fatores denotam uma formação contínua e fluída, atribuindo a identidade uma síntese espaço-temporal e histórica, dando sentido a uma objetividade e subjetividade produzidas pelos sujeitos da roça (Rios, 2011). A subjetividade nordestina, na literatura, foi atravessada por uma

construção identitária estereotipada e negativa, tendo como exemplo o personagem Jeca, criado por Monteiro Lobato. Jeca é o personagem que supostamente representa uma imagem de ruralidade, negativamente associado a um homem preguiçoso, desajeitado, ignorante e pobre. Toda esta construção imagética do homem rural atribui aos sujeitos do interior, dos sertões brasileiros, uma responsabilização por atrasos políticos e sociais do país. Embora Monteiro Lobato tenha tentado, em outras produções literárias, amenizar as críticas que recebeu por tal criação, a partir de outro discurso, outros personagens passaram a retratar a mesma imagem do homem rural que ele idealizou, a exemplo do jagunço, o cangaceiro, o vaqueiro e o matuto (Santana e Vasconcelos, 2013).

Sobre a influência do processo de regionalização frente a constituição identitária rural, ressalta-se que, historicamente, a escola na região Nordeste, principalmente as primárias, costumam manter um currículo distante da realidade dos alunos (Holtwijk, 2018, p. 13), dificultando os movimentos de identidade rural dos alunos em seu processo formativo na escola, fazendo com que eles tenham que “estabelecer novos territórios discursivos e identitários para continuar estudando” (Rios, 2011, p. 91). Além disso,

A identidade na educação deve ser concebida como prática social caracterizada como ação de influências e grupos, destinada à configuração da existência humana. As práticas sociais, entre elas a educativa, são eminentemente construções sociopolíticas e históricas (Rios, 2011, p. 93).

Segundo Holtwijk (2018, p. 21-22) o Nordeste é uma área pouco desenvolvida em relação a Região Sudeste do país. Além disso, o processo de migração, característica do interior da região é ainda muito recorrente, devido à dificuldade de empregos permanentes na região, mesmo tendo a agricultura de subsistência como uma das principais fontes de renda para os moradores, fazendo com que esses migrem principalmente para a Região Sudeste, com o argumento de que a vida “não é digna”. Todavia, como afirma Santos (2023), é a falta de políticas públicas que provoca a expulsão das pessoas do semiárido, pois existe a necessidade de buscar a permanência criando meios de convivência. Além disso, cabe ressaltar que Albuquerque Júnior (2011), afirma que o recorte geográfico que hoje chamamos de Nordeste deu-se, sobretudo, a partir do discurso da seca, sendo esta, a suposta responsável pela inferioridade da região em diferentes aspectos, inclusive de raça. Tais estereótipos também foram propagados pela literatura e pela imprensa, que direta ou indiretamente, defendiam a superioridade da Região Sul em relação a Região Norte do país, que outrora, também era composta pelos estados da então Região Nordeste. Para o autor

A certeza de que o rápido desenvolvimento do Sul, notadamente de São Paulo, se explicava por sua superioridade de clima e de raça, por ser um Estado de clima temperado e raça branca, levava a que se não tivesse dúvidas do destino desta área,

“puxar o trem descarrilhado de uma nação tropical e mestiça”. O Norte ficaria “naturalmente” para trás (Albuquerque Júnior, 2011, p. 75).

A característica migratória apresentada é resultado de um processo histórico ligado as políticas de desenvolvimento nacional, que tiveram a então região sudeste como principal foco durante muitos anos. Holtwijk (2018, p. 21) reitera que

Embora a agricultura de subsistência no nordeste seja uma das fontes de renda para seus moradores, o governo investiu no desenvolvimento da agroindústria no sul e sudeste a partir da década de 1940. O nordeste, incluindo o sertão, ficou de lado.

Esta negligência governamental apresenta sequelas até os dias atuais, perpetuando o estigma de inutilidade da região. Este pensamento desenvolvimentista também pode ser atribuído ao avanço das perspectivas elitista e capitalista no país, que durante décadas, empenhou-se no recrutamento de mão de obra a serviço da burguesia, e, até os dias atuais, tenta emplacar um currículo voltado aos interesses desta minoria burguesa, para que os privilégios da classe continuem perpetuando. Ademais, é fato que as condições climáticas também foram cruciais na construção da ideia de que a Região Nordeste não era uma região que possibilitasse subsistência, mas como apontam os autores supracitados, também existe um viés político nesta discussão.

2.2. O fenômeno climático da seca

Sem dúvidas, a seca é o fenômeno que mais implica na permanência das pessoas do interior do Nordeste, por isso, torna-se uma pauta importante para as discussões que envolvem o fortalecimento da identidade rural frente a convivência com este fenômeno. Para Albuquerque Júnior (2011, p. 72)

O discurso da seca, traçando ‘quadros de horrores’, vai ser um dos responsáveis pela progressiva unificação dos interesses regionais e um detonador de práticas políticas e econômicas que envolve todos ‘os Estados sujeitos a este fenômeno climático’. A descrição das “misérias e horrores do flagelo” tenta compor a imagem de uma região ‘abandonada, marginalizada pelos poderes públicos’. [...] compõe a imagem de uma área ‘miserável, sofrida e pedinte’.

Albuquerque Júnior (2011) ressalta que o tema da seca foi o mais importante para pensar a construção da Região Nordeste, sendo premissa para uma ideia de uma região homogênea, e logo, de uma sociedade também homogênea, caracterizada pelo êxodo. O êxodo, como já citado, também é fruto de um ideal de desenvolvimento econômico, no qual as pessoas do campo são recrutadas para a cidade para servir de mão de obra para a burguesia, que se aproveita do discurso homogeneizante da seca para este recrutamento. Na literatura regionalista, a seca surge como um fenômeno responsabilizado pelos conflitos sociais da Região Nordeste, logo,

podemos pensar que a construção identitária das pessoas que nela vivem também é construída a partir disso.

Ao apontarmos a seca como um fenômeno de influência na constituição identitária de quem com ela se depara, podemos afirmar que as manifestações identitárias presentes até a contemporaneidade também bebem deste fenômeno, desde a forma que os saberes são expressos, até a forma que estes vão de encontro as discussões em torno do fenômeno e seus impactos na constituição identitária, essa que pode ou não idealizar perspectivas de convivência com e no semiárido.

2.3. As práticas pedagógicas frente aos saberes da roça

No espaço escolar, é comum associarmos a ideia de identidade a características singulares,

dessa forma, as identidades têm implicações diretas com a concepção de como o conhecimento é produzido em sala de aula; como e quais identidades são legitimadas nesse espaço social em que se defrontam identidades sociais marcadas pela cultura, pela história e pela instituição (Rios, 2011, p. 155).

Estas percepções refletem como o espaço escolar é palco para inúmeras indagações quando o assunto envolve identidade, afinal, como afirma Silva (2013, p. 97) “O outro cultural é sempre um problema, pois coloca permanentemente em xeque nossa própria identidade. A questão da identidade é um problema social ao mesmo tempo que é um problema pedagógico e curricular.” Isto se dá pelo inevitável contato com a diferença, e consequentemente, este contato precisa ser discutido no contexto de ensino-aprendizagem.

Frente aos saberes científicos e ao modelo tradicional de prática pedagógica, que pouco considera as especificidades identitárias dos estudantes, a adesão dos alunos da roça

pressupõe a existência de outra racionalidade e de outra relação com o mundo rural e, como efeito, a constituição de uma outra identidade. [...] Essa relação estabelecida com o saber escolar modifica a experiência que os alunos e alunas da roça têm de si mesmos, dos seus lugares, dos seus saberes, produzindo outras identidades. Assim, os alunos e alunas da roça silenciam e/ ou abandonam os saberes que os constituem para compreender outra lógica, outra racionalidade. O professor, nesse modelo de prática pedagógica, preocupa-se com o acúmulo de informações, sem levar em consideração os sentidos que perpassam todo esse processo de descoberta [...] (Rios, 2011, p. 160).

Em relação a essa afirmação, no meio rural, é comum que os saberes sejam traduzidos de uma forma particular, o conhecimento empírico dá nome a uma ciência, que chamamos de “ciência da roça”. Esta ciência significa sabedoria, e pode alterar-se de lugar para lugar. Ela se baseia na observação cotidiana dos fatos, na tradição familiar quanto a transmissão de saberes e em todas as relações e interações no espaço rural, envolvendo a natureza. No universo da roça, as práticas de aprendizagem são diferenciadas, apontando para um processo particular de

transmissão de saberes. Por isso, a “ciência da roça”, constitui uma “outridão” diante do saber escolar, sobretudo do conhecimento científico, o qual é legitimado pela escola. O saber da roça expõe outras formas de lidar, experimentar falar, viver a realidade, partindo somente da vivência com a natureza e a comunidade, fatores estes que constituem as identidades que ali se constroem. Assim, as formas de se relacionar com o mundo, emergem da concretude das experiências vividas, as quais também implicam na construção de identidades (Rios, 2011, p. 171-173).

A “ciência da roça” se destaca na discussão acerca do fenômeno da seca, afinal, a estiagem ou período chuvoso marcam em diferentes aspectos o cotidiano na roça, sendo um saber muito relevante na constituição identitária dos sujeitos. Neste caso, o conhecimento sobre a previsão de chuvas ou de estiagem inclui desde fatores biológicos a astrológicos, levando em consideração o comportamento dos animais até a aparência da lua, por exemplo. Rios (2011, p. 174) descreve que

As técnicas mais populares são a observação do comportamento e ciclo reprodutor de animais, insetos e aves, da aparência de estrelas, lua, das cores do sol e do horizonte em momentos específicos do calendário católico, da direção em que sopram os ventos.

Permanecer na roça/campo, sentir-se pertencente a si mesmo, e ter acesso a um processo educativo, capaz de promover tais possibilidades, é um desafio para os estudantes de origem rural, visto que, as expectativas diante da relação escola/trabalho traçam planos que tendem a estabelecer

uma linha divisória ou complementar entre o que são e o que querem ser. Falam de um devir identitário pautado no desejo de conseguir alcançar uma profissão no futuro. O futuro é delineado, na maioria das histórias de vida, a partir da construção profissional longe do espaço da roça e longe da instituição escolar (Rios, 2011, p. 133).

Portanto, é fundamental repensar como a prática docente deve atuar frente aos movimentos de identidade rural dos alunos que frequentam o ambiente escolar, considerando este espaço de formação cidadã como um espaço carregado de responsabilidades, entre elas, a de respeitar e adaptar-se as diferentes identidades que permeiam o contexto escolar, principalmente a identidade rural, que historicamente sofre com um processo de marginalização frente ao modelo pedagógico que costumamos observar escolas a fora.

3. METODOLOGIA

A abordagem desse trabalho está fundamentada na pesquisa qualitativa, que segundo Chizzotti (2010, p. 79) “[...] parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo

indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito.” Para investigar como ocorrem os movimentos de identidade rural dos estudantes da Escola Família Agrícola de Antônio Gonçalves (EFAG), o método qualitativo faz-se necessário porque permite

[...] estudar um grupo ou população, identificar variáveis que não podem ser medidas facilmente ou escutar vozes silenciadas. Todas essas são boas razões para explorar um problema em vez de usar informações predeterminadas na literatura ou resultados de outros estudos de pesquisa. Também conduzimos pesquisa qualitativa porque precisamos de uma compreensão complexa e detalhada da questão (Creswell, 2014, p. 52).

Dessa forma, foi possível conduzir a pesquisa sob uma ótica focada em explorar como a identidade rural coexiste na dinâmica educativa dos estudantes da EFAG, pois o método qualitativo permite ao pesquisador uma compreensão mais ampla do objeto de estudo. Dentro desta perspectiva, a pesquisa foi do tipo exploratória, a qual, na abordagem qualitativa, “tem o objetivo de conhecer o fenômeno estudado tal como ele se apresenta ou acontece no contexto em que está inserido.” (Lösch, 2023, p. 3). Assim, foi possível investigar como a identidade rural vem sendo discutida e valorizada na EFAG. Além disso,

é um tipo de pesquisa que visa compreender e explorar um fenômeno ou questão de interesse tendo como objetivo familiarizar-se com um assunto pouco conhecido ou pouco explorado [...] é útil para identificar tendências, problemas ou oportunidades para futuros estudos, mais aprofundados (Lösch, 2023, p. 8-9).

Portanto, a pesquisa exploratória propõe uma investigação ampla do objeto de estudo, e, ao mesmo tempo, faz-se um método disposto a expor novas possibilidades, que podem se tornar novas descobertas científicas.

A pesquisa foi realizada por meio da aplicação de questionários, pela plataforma online *Google Forms*, sendo um questionário específico para os estudantes concluintes (4^a série) do curso Técnico em Agropecuária integrado ao Ensino Médio, e o outro para os professores da instituição, com o intuito de discutir como a atuação docente diante do processo formativo escolar desses estudantes influencia nas perspectivas de valorização identitária rural e na convivência e permanência no semiárido. A escolha pelos alunos da 4^a série justifica-se pela compreensão de que esses estudantes já possuem uma perspectiva mais consolidada acerca de suas percepções identitárias, construída a partir das vivências partilhadas ao longo de todo o seu processo formativo.

Todos os 16 estudantes matriculados e concluintes, bem como, todos os 8 professores que atuam na série correspondente aos estudantes pesquisados, responderam os questionários, os quais foram construídos com perguntas abertas e fechadas. A escolha pela aplicação por meio do *Google Forms* teve o objetivo de facilitar a coleta dos dados, além de otimizar o tempo que os sujeitos participantes dedicariam para responde-lo. O questionário é um instrumento que

permite rigor na coleta dos dados, visto que, permite que o pesquisador trabalhe o objeto de estudo e suas implicações de modo a permitir que os sujeitos pesquisados sejam fiéis as suas respostas, sendo conceituado por Gil (2008, p. 121) como uma “técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas as pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas [...].” Para garantir que as informações obtidas fossem suficientes, viabilizando a discussão dos resultados, foi feita uma testagem dos questionários, com três alunos e três professores, com a finalidade de garantir que o mesmo iria atender aos objetivos da pesquisa, sendo analisado como estes primeiros sujeitos responderiam as questões propostas. Durante a segunda aplicação do questionário com os alunos, uma última pergunta foi respondida via email, devido a um imprevisto durante a coleta, sendo uma alternativa escolhida para otimização do tempo, não impactando a tabulação, análise e resultados dos dados.

Todos os participantes da pesquisa foram informados sobre os objetivos do estudo, a natureza voluntária de sua participação e o direito de se recusarem a participar ou de se retirarem a qualquer momento, sem prejuízo algum. Para isso, foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo o sigilo das informações e a confidencialidade das identidades dos participantes.

Quanto a análise dos dados, “tem-se a reflexão e a compreensão do tema estudado a partir das informações colhidas nas etapas anteriores, para, assim, se concentrar em descrever os fatos e explorar a descoberta [...]” (Lösch, 2023, p. 13), sendo essa uma etapa muito importante para a pesquisa, pois é nesta etapa que o objeto de estudo perpassa pela triangulação na análise, que envolve as percepções do pesquisador, dos autores que fundamentam a pesquisa e dos sujeitos participantes desta. Dessa forma, a técnica utilizada para a análise dos dados foi a análise de conteúdo, que segundo Chizzotti (2010, p. 98-99) busca “compreender criticamente o sentido das comunicações” e filtrar as informações obtidas, particularizando ou categorizando os elementos, possibilitando assim uma melhor discussão dos resultados.

Para garantir o sigilo da identidade dos sujeitos/colaboradores da pesquisa e como forma de identificação aleatória, atribuímos aos estudantes e professores nomes de árvores e animais, respectivamente, pertencentes ao bioma da caatinga, afim de valorizar a flora e fauna local. Como ressalta Associação Caatinga (2013), a biodiversidade da caatinga, bioma que caracteriza o semiárido brasileiro, é marcada pela identidade resiliente das espécies animais e vegetais que se adaptaram as condições climáticas dessa região, marcada por temperatura elevada e chuvas irregulares ao longo ano. O “patrimônio biológico” da caatinga, junto aos seus aspectos socioculturais, tornam esse bioma genuinamente brasileiro, fato que historicamente, como

discute Albuquerque Júnior (2011), atribui a Região Nordeste a responsabilidade de representar a identidade nacional.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A investigação acerca dos movimentos de identidade rural no processo formativo dos estudantes da Escola Família Agrícola de Antônio Gonçalves (EFAG) na perspectiva da convivência e permanência com e no semiárido revelou uma diversidade de temáticas que compõem a identidade desse espaço. Assim como a flora e fauna da caatinga, as identidades dos sujeitos da EFAG e suas contribuições para a identidade desta escola, são repletas de singularidades e pertencimentos. O bioma que chama atenção pela adaptabilidade impõe a sua flora e fauna, cede espaço para os olhares de quem o pisa e lhe indaga, como parte do processo de constituição identitária. O pisar e indagar observados nos chãos da caatinga abre caminhos para pensar a própria existência, subsistência, e como esses movimentos vão lapidando o sentimento de pertencimento ao ser rural que habita em cada sujeito. A EFAG nasce do desafio de estimular o plantio e a criação de animais para além do âmbito da agropecuária. O pertencimento ao campo, ao rural, também se faz presente nos ideais educativos da escola, permitindo o cultivo das culturas e dos saberes que por ela passam, residem e até mesmo se transformam.

O percurso metodológico qualitativo, junto a análise de conteúdo no tratamento dos resultados, permitiu uma sistematização dos conteúdos obtidos de modo a categorizá-los, com o objetivo de facilitar a compreensão dos elementos que surgiram a partir da coleta dos dados. Para isso, nos tópicos a frente apresentaremos brevemente a EFAG e a seguir discutiremos as seguintes categorias: Saberes e conhecimentos tradicionais da roça; Expressões identitárias no espaço escolar; Seca, convivência e permanência no semiárido. Além dos questionários, construídos com perguntas abertas e fechadas, foram consideradas as visitas realizadas na EFAG, as quais antecederam a aplicação dos questionários, e permitiram a visualização da dinâmica do espaço, contribuindo para alimentar as inquietações que fundamentam o trabalho e permitir uma triangulação na coleta dos dados. Estar com os pés no chão do *locus* da pesquisa é uma oportunidade enriquecedora, pois permite uma visualização mais ampla do objeto de estudo, o qual se materializa no cotidiano do espaço e dos sujeitos, contribuindo para que os resultados da pesquisa sejam mais sólidos. A escolha em trabalhar com questões abertas e fechadas permitiu organizar melhor o perfil e as respostas dos sujeitos, permitindo mais praticidade na organização das discussões.

Em diálogo com os gestores da EFAG, identificou-se que a discussão sobre identidade faz parte das práticas pedagógicas da escola, servindo de base para atividades que são realizadas durante o ano letivo, visando a manutenção de saberes e tradições de comunidades campesinas, quilombolas e de fundo e fecho de pasto. Estas atividades são fundamentais para que os sujeitos se familiarizem com as perspectivas de construção da identidade rural no contexto do semiárido, sobretudo por permitirem uma reflexão acerca da importância da manutenção e valorização de saberes, que constituem a identidade dos sujeitos da roça, como defende Rios (2011), e logo se fazem um alicerce importante no contexto da permanência e convivência no semiárido. As atividades incluem exposição de saberes e técnicas do meio agropecuário no contexto do semiárido e manifestações culturais nordestinas, que fazem parte das comunidades nas quais residem os alunos da escola.

A seguir, uma breve apresentação do *locus* da pesquisa, dos sujeitos participantes e as discussões realizadas em busca de atender a investigação proposta envolvendo identidade rural.

4.1. EFAG: pés e identidades presentes

A Escola Família Agrícola de Antônio Gonçalves (EFAG), está localizada na Fazenda Nova Esperança, próximo ao povoado Caldeirão do Mulato, município de Antônio Gonçalves-BA. Fundada em 2004, com o intuito de ofertar uma educação contextualizada a realidade local e visando estimular a permanência dos jovens no campo, ofertando ensino técnico no ramo da agropecuária. A EFAG surge em busca de atender ao anseio de agricultores/as locais que temiam o afastamento de seus filhos do campo como efeito do modelo educacional das cidades. Inicialmente, a escola foi construída através de mutirões e com o apoio das prefeituras de Antônio Gonçalves e Senhor do Bonfim, e, atualmente, mantém-se com o apoio da Associação Regional da Escola Família Agrícola de Antônio Gonçalves (AREFAG), apoio dos pais e entidades ligadas aos alunos, e através de parcerias com o governo estadual. Além disso, integra a Rede das Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semiárido (REFAISA), onde debate junto a outras entidades o funcionamento das escolas família agrícola e suas necessidades (EFAG, 2019).

Figura 2: Acesso principal da EFAG.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

A escola possui uma área de 90 hectares, onde foram construídos pavilhões de sala de aula, laboratórios, refeitório, dormitórios e setores produtivos para cultivo agrícola e criação de animais, utilizados no curso técnico em agropecuária, ofertado pela instituição de forma integrada as disciplinas propedêuticas, que permite o ingresso de estudantes a partir do 6º ano do Ensino Fundamental até a 1ª série do Ensino Médio. A partir da 2ª série do Ensino Médio, a EFAG aceita apenas estudantes externos caso sejam transferidos de outras escolas famílias agrícolas, devido as especificidades do currículo e projeto político pedagógico. O ensino é voltado ao contexto do semiárido e suas especificidades, pautado na produção agroecológica, visando o desenvolvimento territorial sustentável. A pedagogia da alternância é adotada como forma de propor uma troca entre a escola e a comunidade da qual o aluno pertence, estabelecendo os períodos de tempo escola e tempo comunidade de forma quinzenal. Desta forma, o aluno é incentivado a criar uma conexão entre os conhecimentos de sua localidade com os que adquire na escola, sendo estimulado também a se tornar um ser politicamente crítico e solidário (EFAG, 2019).

Considerando os questionários aplicados, identificou-se que os estudantes participantes da pesquisa são oriundos de comunidades rurais pertencentes ao município de Antônio Gonçalves e a municípios vizinhos, como Campo Formoso, Pindobaçu e Filadélfia. Aproximadamente 55% dos participantes da pesquisa são do gênero masculino, sendo 45% do gênero feminino. Ao analisar o ano de ingresso na EFAG, 56,3% ingressaram na 1ª série do ensino médio, 18,8% que ingressaram no 7º ano, 18,8% no 8º ano e 6,3% no 6º ano. Geralmente, os alunos ingressantes são indicados por entidades parceiras da escola, como sindicatos, Comissão Pastoral da Terra (CPT), associações quilombolas, de agricultores ou comunitárias, como sinalizaram os alunos pesquisados. Ao analisar o tempo de atuação como docente da

EFAG, constatou-se que 62,5% dos professores que atuam na 4^a série do ensino médio possuem entre 2 e 5 anos de atuação na escola, 25% até 2 anos e 12,5% acima de 10 anos de atuação. Entre os docentes pesquisados, identificou-se que os mesmos possuem graduações em Zootecnia, Engenharia Agrícola, Letras e Técnicos em Agropecuária, atuando em disciplinas técnicas, como administração rural, fruticultura e extensão rural, bem como disciplinas propedêuticas, a exemplos de língua portuguesa, artes e educação física. Os dados relacionados ao perfil dos sujeitos pesquisados são importantes para discutir como a identidade rural faz parte da realidade desses sujeitos dentro do contexto da EFAG, e como isto se apresenta de acordo a origem e ao recorte temporal que cada sujeito vivencia na escola.

Partiremos agora para as discussões que abordam elementos que constituem a identidade rural dos estudantes pesquisados, e como a atuação docente se envolve com as diferentes manifestações culturais e saberes que constituem esta identidade em suas mais variadas singularidades.

4.2. Saberes e conhecimentos tradicionais da roça

O percurso formativo dos estudantes pesquisados atribui a eles uma constituição identitária que antecede a chegada na escola. O pertencimento a comunidade que residem faz com que eles adentrem o espaço da escola com uma construção cultural própria, carregada de saberes e tradições. Entre os movimentos culturais e artísticos apresentados pelos sujeitos, estão a quadrilha, samba de roda, reisado, cavalgada, festa de São João, festa de Padroeiros/as, mutirões, quebra de licuri, etc. Esses movimentos identitários fazem parte do que chamamos de “ciência da roça”, por isso, é necessário “compreender que na roça gestam-se outros modos de conceber o mundo, outras linguagens [...]” (Rios, 2011, p. 184). Portanto, cabe ressaltar que consequentemente, os saberes da roça, e a forma que eles são expressos singularizam um modo de ver o mundo também quando existe o contato com outras realidades, este contraste é importante de ressaltarmos tendo em vista a afirmação de Silva (2013, p. 18), que diz que “é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos”. As manifestações culturais supracitadas dialogam diretamente com o pertencimento das comunidades rurais as suas tradições e seu modo de viver, até mesmo os movimentos artísticos que envolve a dança e a música têm como base a manutenção dos saberes que constituem a “ciência da roça”, sobretudo no âmbito das práticas agrícolas e criações de animais.

Ao contrastar os movimentos identitários adquiridos na própria comunidade com o

espaço escolar, o estudante pode ou não julgar importante contextualiza-los ao seu processo formativo. Ao serem questionados quais dos principais saberes/conhecimentos tradicionais da roça são importantes e necessários no âmbito identitário, pessoal e profissional, os estudantes apontam elementos que dialogam com a perspectiva da produção familiar e da valorização da história da comunidade em que reside, como defende o(a) estudante *Umbuzeiro* (2025) ao dizer que “*As formas de cultivos anuais, além dos conhecimentos empíricos e a história da comunidade onde estou inserida, são fatores importantes, pois assim aprendemos de onde surgiu nossas raízes, e as origens de nossos antepassados na qual ainda se torna presente*”. O respeito aos antepassados é um fator significativo na compreensão da história local, sobretudo para que o contraste com os conhecimentos adquiridos no espaço escolar sejam ressignificados e atribuam mais sentido a prática social dos indivíduos. Entre os saberes que são ressignificados na escola, o(a) estudante *Juazeiro* frisa o “*plantio para o consumo da família, criação de animais e tratos corretos do solo*”, reafirmando o sentido de subsistência associado a execução dos conhecimentos técnicos adquiridos na EFAG. O fortalecimento familiar também é um fator estimulado pela escola, sendo contextualizado na escola pelos estudantes de acordo as suas realidades e aos conhecimentos que nela são adquiridos ou lapidados, como “*a importância agricultura familiar e a valorização do que é produzido no campo, atribuindo a sustentabilidade e diminuição do exôdo rural [...]*”, defendida pelo(a) estudante *Mandacaru* (2025) como algo importante em seu processo formativo.

Compreender como os estudantes expressam/ressignificam seus saberes ao adentrar o espaço escolar é de suma importância para discutir como a constituição identitária destes contrastam com o processo formativo escolar, de modo a conseguir visualizar como o elo proposto pela escola com as comunidades rurais contribui para a valorização e contextualização dos conhecimentos, estes que também apontam um respeito as ancestralidades, pois como afirma Silva (2013, p. 28), “ao afirmar uma determinada identidade, podemos buscar legitimá-la por referência a um suposto e autêntico passado [...]”.

Valorizar a identidade dos estudantes é um papel direto ou indiretamente atribuído aos professores. Na prática docente, os movimentos de identidade rural, no que tange os saberes da roça/conhecimentos tradicionais trazidos pelos estudantes, são fortalecidos através da contextualização do currículo com a realidade dos alunos. Para o(a) professor(a) *Mocó*, o fortalecimento da identidade dos estudantes ocorre

Com a valorização dos Saberes Tradicionais reconhecer e valorizar os conhecimentos tradicionais dos estudantes, integrando-os ao currículo escolar. Isso pode incluir práticas agrícolas, medicina tradicional, histórias e lendas locais. (professor Mocó, 2025).

Esta integração do currículo escolar a realidade dos estudantes faz-se necessária para que os saberes sejam discutidos de forma mais respeitosa, tendo em vista que o conhecimento empírico e o conhecimento científico dialogam, mas se diferenciam, portanto, exige uma compreensão de quem os maneja e/ou lapida, sendo determinante também para a ideia de pertencimento e curiosidade dos alunos acerca de suas comunidades. Neste sentido, o(a) professor(a) Carcará (2025), considera a identidade dos estudantes na sua prática docente “*Fortalecendo o senso de pertencimento do meio em que vive, principalmente da zona rural e as comunidades tradicionais, incentivando a conhecer as histórias, vivências e o conhecimento empírico das famílias e indivíduos das comunidades rurais.*”. O papel docente frente a identidade rural dos estudantes viabiliza a percepção destes acerca das diferenças, que coexistem naturalmente nos espaços que eles ocupam e até mesmo na própria escola, pela diversidade de manifestações culturais que foram apontadas. Para Silva (2013, p. 96),

A identidade e a diferença não são entidades preexistentes, que estão aí desde sempre ou que passaram a estar aí a partir de algum momento fundador, elas não são elementos passivos da cultura, mas têm que ser constantemente criadas e recriadas.

Nesta perspectiva, podemos afirmar que a diferença constrói e constitui a identidade dos sujeitos, pois atribui sentido àquilo que é subjetivo e dispõe uma singularidade. A provocação dos professores em estimular que os alunos investiguem suas realidades fortalece a identidade rural deles através das próprias diferenças que eventualmente surgem, e que mesmo sendo singulares, podem somar a subjetividade dos demais. O reflexo da atuação docente neste contexto é relatado pelos alunos como positivo não somente pela aproximação com a história de suas comunidades, mas também pelo sentido de pertencimento identitário que eles passam a construir/ressignificar, pois como afirma o(a) estudante *Macambira*

A atuação dos professores contribui muito para a nossa identidade rural porque eles valorizam nossos saberes, nossa cultura e modo de vida do campo. Eles ensinam com base na realidade da comunidade e mostram que podemos ter orgulho de ser agricultores, fortalecendo nosso pertencimento e nos ajudando a ver valor no que vivemos e produzimos. (estudante Macambira, 2025).

Com o intuito de discutir de forma mais objetiva como os movimentos de identidade rural se manifestam no espaço escolar, e a relevância da prática docente nesse processo, os tópicos a seguir aprofundam a análise dos instrumentos pedagógicos utilizados na EFAG. Busca-se compreender como esses instrumentos influenciam a constituição da identidade rural dos estudantes, bem como os impactos gerados nas suas perspectivas de permanência e convivência no semiárido.

4.3. Expressões identitárias no espaço escolar

Como discutido anteriormente, o espaço escolar é sinônimo de troca de saberes/conhecimentos, e isto acompanhado de descobertas acerca das diferenças e diversidade cultural que habita no cotidiano dos alunos da roça, que encontram na EFAG a oportunidade de aprofundamento de suas realidades e espaço para essas discussões. A escola, enquanto instituição mediadora desse processo, busca, por meio de instrumentos pedagógicos, envolver o(a) estudante e os professores nesta construção da identidade. Embora os professores provoquem os alunos a tal envolvimento, eles também são convocados a um processo de ressignificação identitária, pois

Ser professor na/da roça exige um movimento de deslocamento e pertencimento de cada sujeito envolvido. Constituir os processos identitários da profissão significa pensar o exercício da docência como o modo de vida de um grupo profissional, observando os espaços e temporalidades distintas que constituem a docência (Rios, 2015, p. 67).

O pertencimento vivenciado pelo professor lhe atribui uma maior visibilidade acerca das identidades que lhe cerca, visto que sua inclusão neste processo se configura como um momento de ressignificação identitária, sendo um deslocamento positivo que fortalece sua relação com o espaço profissional e para com os estudantes. Este processo é evidenciado na prática docente e em suas contribuições na constituição da identidade rural por meio de abordagens no cotidiano escolar, como argumenta o(a) professor(a) *Iguana* (2025), que contribui

Fazendo diálogo e reflexão que abordam a importância do auto reconhecimento e auto afirmação na formação de no cidadania e na formação de nossas personalidade, reafirmando quem somos e a importância de nossas existência na contribuição social

Por outro lado, os estudantes, aos serem questionados sobre a forma que costumam expressar os saberes da roça/tradicionais no espaço escolar, apontam a importância da atuação docente frente as reflexões sobre cidadania e personalidade, citadas pelo(a) professor(a) *Iguana* (2025). O(a) estudante *Aroeira* (2025) afirma que

Expressar saberes campesinos é muito importante, tanto na escola, como também nas comunidades por onde andamos. Todos os nossos conhecimentos adquiridos são importantes para os agricultores dessas comunidades rurais e quando passamos nossos conhecimentos para eles de certa forma acabamos aprendendo com eles também por que eles nos repassam seus saberes empíricos que são excelentes.

Entre outras afirmações semelhantes, os estudantes apresentam como é importante o papel do professor(a) para que esta compreensão de troca de conhecimentos resulte num contraste importante, que contribui para a formação de cidadãos críticos e abertos a discussões que contemplam suas realidades, ressignificando e abrindo caminhos para o universo rural que lhe representa.

As expressões identitárias na EFAG surgem também a partir de instrumentos pedagógicos. O mais citado entre os sujeitos da pesquisa foi o Plano de Estudo. Sendo um instrumento de pesquisa e coleta de dados/informações, com o intuito de analisar os aspectos da realidade dos estudantes, visando promover um elo entre a escola e a comunidade, o Plano de Estudo é o instrumento que conecta os saberes/conhecimentos tradicionais e o espaço escolar, sendo elaborado quinzenalmente pelos professores/monitores da EFAG. Na pedagogia da alternância, é este instrumento que possibilita motivar o aluno a se interessar pela realidade local e refletir sua experiência nela, considerando sua subjetividade e sua visão de mundo, sendo dividido em várias etapas com temas e problemáticas diversas, que são registrados em um caderno, chamado Caderno da Realidade, utilizado para sistematizar as ações e reflexões desencadeadas a partir do Plano de Estudo (EFAG, 2019).

Na pedagogia da alternância, “os alunos vivem a teoria na prática com a terra, alternando entre a escola e suas casas, organizada de acordo com as vivências, experiências e os saberes desse público envolvido [...]” (Rios, 2011, p. 121). O tempo escola e tempo comunidade, que se alternam de forma quinzenal, permitem essa práxis pedagógica, também contribuindo na valorização identitária dos alunos rurais. Os movimentos de identidade rural expressos pelos alunos a partir do Plano de Estudo evidenciam que o pertencimento e a reflexão sobre a constituição da identidade aparecem simultaneamente à medida que os alunos passam a compreender melhor o sentido da alternância em seu processo formativo, como apontam os estudantes *Catingueira (2025)* e *Juazeiro (2025)*, respectivamente

O plano de estudo é um mediador pedagógico de fundamental para a escola e para os alunos. Através dele é possível conhecer a história, origem, culturas, lutas, conquistas e necessidade da comunidade que este aluno está inserido. Dessa forma o aluno passa a conhecer melhor sua identidade e ter um olhar mais crítico de sua localidade. Sendo assim, considero que o plano de estudo é de fundamental importância para o meu processo formativo, pois passei a conhecer melhor minha comunidade e origens, podendo também contribuir e valorizar mais o meio em que resido.

somos considerados jovens do campo, grande parte filhos e filhas de agricultores e expressamos no plano de estudo, levantando pautas nas comunidades, grande parte dentro das associações, onde levantamos debates e discussões que ajudam na identificação da identidade de cada indivíduo.

Sendo um instrumento que viabiliza as expressões identitárias no espaço escolar, o Plano de Estudo é de suma importância para os professores refletirem e contextualizarem suas práticas pedagógicas, estas que são fundamentais para incentivar os alunos a permanência e convivência no semiárido. Nesta perspectiva, os professores recebem o Plano de Estudo no tempo escola com o desafio de propor alternativas viáveis a realidade de cada aluno. A escola desenvolve a partir disso, também, atividades coletivas, como seminários, feiras, etc. Como o

desenvolvimento sustentável também é uma prioridade, as práticas pedagógicas buscam estimular a preservação ambiental, a exemplo do(a) professor(a) *Corrapião (2025)*, que afirma: “*Busco sempre trazer práticas de reciclagem, respeito ao solo e valorização da água, fazendo com que o estudante se consciente sobre o ambiente em que vivemos.*”. Também como um instrumento de avaliação, por meio do Plano de Estudo os professores identificam se os estudantes estão aplicando os conhecimentos adquiridos na EFAG em suas comunidades, como aponta o(a) professor(a) *Canário-da-terra (2025)*

É possível identificar analisando como os alunos relacionam os conteúdos escolares com suas vivências no cotidiano em suas comunidades. O fortalecimento é feito a partir da feira de experiências e práticas pedagógicas, com formações e intervenções. Além disso, também é feito individualmente por cada professor em suas respectivas matérias, de formas diversas.

O cotidiano das comunidades rurais do município de Antônio Gonçalves e dos municípios vizinhos, que estão inseridas no semiárido baiano, têm o fenômeno da seca historicamente negligenciado pelo poder público, sendo uma região marcada pelo êxodo rural e precarização nas áreas de saúde e educação. As intervenções citadas pelo(a) professor(a) *Canário-da-terra (2025)* consequentemente levam isso em consideração. O desafio da EFAG é ofertar uma educação pautada em um modelo contextualizado a essa realidade, buscando dialogar com as comunidades e entidades parceiras alternativas de convivência com este fenômeno, que impacta diretamente na permanência dos jovens em seus territórios rurais (EFAG, 2019). Portanto, as expressões identitárias que fazem parte do âmbito da EFAG também são atravessadas pela seca, sendo este fenômeno determinante no modo de pensar coexistência e subsistência na própria comunidade. Ademais, discutiremos a seguir como os sujeitos da pesquisa esboçam suas percepções em relação ao fenômeno climático da seca na perspectiva da convivência e permanência no semiárido, considerando que historicamente a seca foi utilizada na constituição da identidade do homem rural/nordestino.

4.4. Seca, convivência e permanência no semiárido

Em *A invenção do nordeste e outras artes*, Albuquerque Júnior (2011) discute como a região Nordeste foi ideologicamente e politicamente “inventada”. O fenômeno climático da seca foi tomado como característica principal da região, e logo, tornou-se a principal característica de um espaço que, até os dias atuais, é representado pela pobreza, ignorância e atraso. A saudade também se faz uma característica importante, sobretudo proveniente do êxodo rural. Este sentimento foi base para as muitas composições de Luiz Gonzaga, que passou a ser um dos maiores representantes da música nacional e também referência de identidade, pois

trazia elementos particulares do espaço rural do Nordeste e assim como a caatinga, representava uma singularidade nacional. Além da saudade, a seca também se faz presente em suas composições, segundo Albuquerque Júnior (2011, p. 178), “Para chamar atenção para este fato, ele compõe em 1950, com Humberto Teixeira, *Asa Branca* [...] Durante a seca de 1953, compõe, com Zé Dantas *Vozes da Seca*, na qual cobra providência por parte do Estado [...]”. A negligência do poder público diante deste fenômeno ainda é uma realidade, entretanto, a força dos movimentos sociais e organizações não governamentais permitiram grandes avanços na convivência com a seca por meio de políticas públicas que envolvem captação de água e manejo sustentável de recursos hídricos, por exemplo.

Na EFAG, os professores compreendem a importância de discutir a temática e apresentar tecnologias de convivência com a seca, afim de incentivar a permanência dos jovens em suas comunidades, tendo em vista que a seca é um fator limitante. As respostas apresentadas pelos professores acerca desse fenômeno e sua relação com a identidade rural apresentam percepções teóricas que sinalizam o cuidado para com os recursos naturais, visando a permanência dos jovens em suas comunidades, como argumenta o(a) professor(a) *Soin (2025)*

Busco conscientizar os alunos sobre a valorizar da água, práticas de armazenamento de água e grãos, evitar o desmatamento, respeitar o solo, os estudantes precisam entender que nós fazemos parte disso tudo, evitando tudo que enfraquece o meio ambiente/semiárido estamos contribuindo para a destruição dele.

Os cuidados retratados pelo(a) professor(a) *Soin (2025)* indicam a compreensão de que os efeitos da seca podem ser agravados ou atenuados de acordo com o manejo realizado na natureza — desde as práticas de cultivo, a preservação da flora e o armazenamento de água, até a própria compreensão da coexistência com o ecossistema. Para o(a) estudante *Barriguda (2025)*, os conhecimentos tradicionais e o uso de tecnologias podem ser utilizados na convivência com o fenômeno:

Vejo a seca no semiárido como um desafio que pode ser superado com conhecimentos tradicionais, tecnologias adaptadas e união comunitária. A convivência com a seca fortalece nossa identidade rural e mostra que é possível viver com dignidade no campo, desde que haja políticas públicas e práticas sustentáveis que respeitem a realidade do nosso território.

Corroborando com o pensamento de Albuquerque Júnior (2011), a dignidade que *Barriguda* aponta foi posta na literatura euclidiana, em *Os Sertões*, obra importante na literatura regionalista, como algo distante da realidade campesina do Nordeste. A perspectiva do êxodo é imposta a quem habita o meio rural nordestino em função da seca. As “representações do semiárido em uma perspectiva rural, cujo lugar distante, exige muita labuta e peleja para conseguir “sobrevivência” (Santos, 2023, p. 91)”. Na EFAG, os alunos possuem uma visão madura sobre a seca, reafirmando a construção da autonomia e criticidade defendida pela

escola. Complementando o posicionamento de *Barriguda (2025), Umburana (2025)* afirma:

A seca, quando analisada a partir dos movimentos de identidade rural, deixa de ser vista apenas como uma calamidade e passa a ser compreendida como um elemento do cotidiano semiárido, exigindo estratégias de convivência baseadas no saber local, na agroecologia e no fortalecimento da cultura camponesa, promovendo a permanência digna das populações no território.

A agroecologia, enquanto um modelo produtivo que preza pela diversidade no cultivo e o respeito a dinâmica natural do ecossistema, também se apresenta como uma forma de produzir alimentos de modo sustentável no semiárido, além de valorizar os saberes ancestrais e a cultura local. Ao tempo em que encontramos elementos negativos na literatura regionalista, como o êxodo rural, na EFAG nos deparamos com uma realidade otimista acerca da convivência com o semiárido, o que consequentemente, viabiliza a manutenção e valorização da identidade rural que habita na essência de quem constrói cotidianamente o sentimento de pertencimento na sua comunidade.

Embora as mudanças climáticas estejam cada mais intensas, não podemos reduzir o semiárido somente a essas questões, pois a emergência climática é uma questão global, e vale ressaltar que o Nordeste é uma região rica e com grande potencial para produção de alimentos, arte, cultura e conhecimento (Santos, 2023, p. 105). Sendo assim, o debate sobre a seca no contexto da identidade rural é importante, sobretudo, para discutir como a relação de pertencimento pode ser crucial na reflexão do que realmente precisa ser debatido diante deste fenômeno, a exemplo da atuação do poder público, especialmente nos espaços de educação contextualizada presentes no semiárido.

A seguir, concluirímos as discussões aqui feitas, expondo o sentimento de satisfação e grandiosidade que o trabalho permitiu vivenciar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Explorar os movimentos de identidade rural presentes no processo formativos dos estudantes da Escola Família Agrícola de Antônio Gonçalves (EFAG) foi um desafio, sobretudo, pelos amplos conceitos que foram surgindo a partir das respostas dos sujeitos. O espaço educativo da EFAG, que vai além de suas delimitações geográficas, o que desencadeia numa diversidade de saberes, culturas e outras manifestações identitárias.

A análise dos movimentos de identidade rural no âmbito da escola identificou inúmeros aspectos que revelam fortemente a presença da ruralidade no perfil dos alunos, bem como a possibilidade deles de discutir seus saberes locais na escola, soma-se a isso a atuação docente

no processo de mediar a práxis pedagógica promovida pela EFAG através da pedagogia da alternância. Entre os principais movimentos identitários identificados e fortalecidos no âmbito da EFAG destacam-se a busca pela valorização dos saberes tradicionais, o fortalecimento da produção familiar e a organização comunitária, estimulados pela pedagogia da alternância e seus instrumentos.

A identidade rural e seus movimentos no espaço escolar, costuma ir de encontro a diferença, fazendo surgir o questionamento de “ser e não ser da roça”, como enfatiza Rios (2011). Na EFAG, o modelo de educação contextualizada ofertado aos alunos abre espaço para estes expressarem suas identidades e tudo aquilo que a cerca. O pertencimento é inevitavelmente o termo mais apropriado para associar o sentimento expressado pelos alunos da escola e o elo que se fortalece com seus locais de origem.

As respostas acerca do fenômeno climático da seca evidenciam que as práticas pedagógicas incentivam os alunos a enxergarem o semiárido com olhar crítico, levando e trazendo os saberes que fortalecem os ideais de permanência no campo junto a convivência com a seca.

Sem dúvidas, como afirma Silva (2013, p. 96), a identidade é uma construção, uma relação, algo inacabado, por isso, não vamos aqui propor uma ideia padronizada de identidade rural, pois como fora discutido, são muitas as singularidades que compõem esta construção, que não é fixa, tampouco homogênea, revelando assim o desafio de estarmos cada vez mais aprimorando as pesquisas realizadas neste contexto. As comunidades rurais são repletas de identidades, como afirma Rios (2015, p. 66)

A roça é um espaço de diversidade: diversidade de pessoas, espaços, tempos, saberes, linguagens, gênero, etnia, geração. Os sujeitos da roça “plantam” e “colhem” formas diversas de lidar com o mundo [...].

Reiteramos aqui que o fim do texto não representa a superação das inquietações e possibilidades a respeito da temática. Pelo contrário, aponta várias direções e caminhos possíveis de investigação. Esperamos que, em um futuro próximo, uma pesquisa de Mestrado dê continuidade à compreensão dos aspectos que permeiam hoje a(s) identidade(s) rural(is), tal como das muitas vertentes que certamente surgirão com o tempo ou que aqui não foram discutidas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ASSOCIAÇÃO CAATINGA. **Conheça e conserve a Caatinga**: no clima da Caatinga – primeiras edições. Fortaleza: Associação Caatinga, 2013. Disponível em: https://www.noclimadacaatinga.org.br/wp-content/uploads/livro-conheca-e-conserve-a-caatinga_-no-clima-da-caatinga-primeiras.pdf. Acesso em: 02 jun. 2025.

BRAGA, Solange Leite de Farias. **Educação do campo para a convivência com o semiárido nas escolas multisériadas de anos iniciais no município de Sento-Sé/Ba**: espaços e tempos de aprendizagem Juazeiro – Bahia. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos) - Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, 2019. Disponível em: <https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7637730>. Acesso em: 25 fev. 2025.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2010. 16 v.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE ANTÔNIO GONÇALVES – EFAG. **Projeto Político Pedagógico**. Antônio Gonçalves: EFAG, 2019.

FIGUEIREDO, Gustavo de Alencar. **Educação contextualizada e convivência com o semiárido brasileiro**: perspectivas para o Ensino de Ciências. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6107373>. Acesso em: 25 fev. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOLTWIJK, Ineke. **Adapta Sertão**: uma experiência inspiradora de adaptação climática da agricultura familiar no semiárido da Bahia. Rio de Janeiro: REDEH, 2018.

LÖSCH, S.; RAMBO, C. A.; FERREIRA, J. L. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/17958>>. Acesso em: 06 mar. 2025.

REFAISA. **EFA - Antônio Gonçalves**. Disponível em: <<https://refaisa.org/escolas/antonio-goncalves/>>. Acesso em: 20 fev. 2025.

RIBEIRO, Ana Paula Santos Granja. **Descolonização do currículo nas experiências de educação contextualizada para a convivência com o semiárido brasileiro**: um olhar sobre

as escolas do campo no território sertão do são francisco. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos) - Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, 2017. Disponível em: <https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5855115>. Acesso em: 25 fev. 2025.

RIOS, Jane Adriane Vasconcelos Pacheco. **Profissão docente na roça**. Salvador: EDUFBA, 2015.

RIOS, Jane Adriane Vasconcelos Pacheco. **Ser e não ser da roça, eis a questão!** Identidades e discursos na escola. Salvador: EDUFBA, 2011.

RODRIGUES, Vanessa Ionara dos Santos. **Ser do semiárido baiano:** construções identitárias entre jovens rurais estudantes da Escola Família Agrícola de Jaboticaba – EFAJ, em Quixabeira – Bahia. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) - Universidade do Estado da Bahia, Jacobina, 2020. Disponível em: <https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10198128>. Acesso em: 25 fev. 2025.

SANTANA, Tarcila de Oliveira; VASCONCELOS, Claudia Pereira. Outro Sertão Possível: novas vozes para outros olhares sobre identidade, memória e a relação de pertencimento do sertanejo com sua região. In: **Convivência e Educação do Campo no Semiárido Brasileiro**. Juazeiro: RESAB, 2013.

SANTOS, Viviane Brás dos. **Representações sociais sobre educação no semiárido:** Reflexões a partir dos olhares de pedagogas/os. São Paulo: Editora Dialética, 2023.

SILVA, Antonio Severino da. **Memórias pedagógicas da educação do campo:** Saberes camponeses que emergem das relações entre a escola e a narrativa de si na formação dos/as estudantes e das professoras. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea) - Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2022. Disponível em: <https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13083759>. Acesso em: 25 fev. 2025.

SILVA, Manoel da Lapa Fonseca da. **A peleja da resistência contra o preconceito:** entre o campo e a cidade, uma proposta de compreensão leitora a partir do cordel. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2020. Disponível em: <https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10320038>. Acesso em: 25 fev. 2025.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SOUZA, Elizeu Clementino de (org.). **Educação e Ruralidades:** Memórias e narrativas (auto)biográficas. Salvador: EDUFBA, 2012.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. **Ser- Tão baiano:** o lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana. Salvador: EDUFBA, 2012.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Questionário aplicado aos estudantes da EFAG

Instrumento: Questionário – Estudantes

1. Idade (pergunta fechada).
2. Identidade de gênero (pergunta fechada).
3. Em qual ano/série você ingressou na EFAG? (pergunta fechada)
4. Qual município e comunidade rural/povoado/distrito que você pertence?
5. Quais movimentos sociais (sindicatos, associações, dentre outros) fazem parte da sua comunidade?
6. Quais são os movimentos culturais e artísticos que você identifica na sua comunidade?
7. Quais os principais movimentos identitários rurais/campo presentes na comunidade em que reside? (Pode ser mais de um).
8. Quais são os principais saberes/conhecimentos tradicionais da roça que você considera importantes e necessários para o seu processo formativo (identitário, pessoal e profissional)?
9. Como você costuma expressar os saberes da roça/tradicionais no seu processo de formação escolar?
10. De que maneira você expressa os movimentos de identidade rural no Plano de Estudos e como estes são considerados pela escola durante seu processo formativo?
11. Como a atuação dos professores contribui para a constituição de sua identidade rural de modo a valorizar seus aspectos?
12. A partir dos movimentos de identidade rural, como você visualiza o fenômeno climático da seca como um fator a ser considerado na perspectiva da convivência e permanência no semiárido?

APÊNDICE B – Questionário aplicado aos professores da EFAG

Instrumento: Questionário – Professores

1. Formação profissional e disciplinas em que atua.
2. Tempo de atuação na EFAG (pergunta fechada).
3. Como você considera, na prática docente, os movimentos de identidade rural, saberes da roça/conhecimentos tradicionais dos estudantes na perspectiva do fortalecimento da sua identidade?
4. A partir da prática docente, de que maneira você contribui na constituição da identidade rural dos estudantes da EFAG?
5. De qual maneira você identifica os movimentos de identidade rural nos retornos dos Planos de Estudo e quais atividades são desenvolvidas para o fortalecimento da convivência e permanência com e no semiárido a partir disso?
6. Como você discute o fenômeno climático da seca na perspectiva da convivência e permanência no semiárido durante suas aulas, considerando os movimentos de identidade rural dos estudantes?